

Artigo 1

Tema
PESQUISA QUALITATIVA

Aplicabilidade do Grupo Focal com Pessoas Cegas*

Applicability of the Focus Group with Blind People

Fabiane Frota da Rocha Morgado¹

Angela Nogueira Neves Betanho Campanã²

Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares³

RESUMO

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa utilizada para gerar ideias e níveis de interesse de pessoas que compartilham características comuns. Na literatura do grupo focal, são escassos os subsídios teóricos referentes à aplicabilidade dessa técnica com pessoas cegas. Esses subsídios poderiam propiciar ao pesquisador brasileiro os conhecimentos básicos e importantes para implementação de grupos focais em populações com cegueira. O objetivo deste estudo teórico foi descrever os princípios da técnica do grupo focal (elementos, características e etapas de execução) direcionados para aplicabilidade em sujeitos com cegueira. Foi demonstrado que a sistematização geral das etapas de planejamento de um grupo focal para pessoas que não enxergam e para a população geral é semelhante. Entretanto, algumas diferenças importantes foram destacadas, as quais envolvem a atitude do moderador e alguns aspectos estruturais do planejamento e aplicação do grupo focal. Conclui-se que a abordagem dessa técnica com indivíduos cegos, se bem planejada e conduzida, pode prover conhecimentos importantes, os quais poderiam ser convertidos em benefícios a essa população, provindos de proposta e estratégias baseadas em informações genuínas desse grupo de pessoas.

Palavras-chave: Deficiência visual. Cegueira congênita. Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Focus group is a qualitative research technique used to generate ideas and interest levels of people who share common characteristics. In focus group literature, theoretical support concerning the applicability of this technique on blind people is scarce. These subsidies could provide, to the Brazilian researcher, basic and important knowledge for the implementation of focus groups on populations with blindness. The aim of this theoretical study was to describe the principles of the focus group technique (elements, features and the execution steps) directed towards its applicability in subjects with blindness. It was shown that the general systematization of planning stages of a focus group for the blind and for the general population is similar. However, some important differences were highlighted involving the attitude of the moderator and structural aspects of planning and implementation of the focus group. It is concluded that the approach of this technique on blind individuals, when well planned and conducted, can provide valuable information, which could be converted into benefits for this population, coming from the proposals and strategies based on actual information from this group of people.

Keywords: Visual impairment. Congenital blindness. Qualitative research.

Introdução

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa constituída por diferentes configurações de trabalhos em grupos, nos quais um conjunto de pessoas é reunido para refletir e discutir um tema a partir de experiências pessoais (GORODZEISKY, 2010; LONG, 1995; MORGAN, 1996;

STRAKA et al., 2009; TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007). O principal objetivo dessa abordagem é gerar ideias e níveis de interesse, com enfoque em captar, mediante trocas realizadas no grupo, atitudes, conceitos, sentimentos, crenças, experiências e reações a respeito de determinado tema (COLLIER; SCOTT, 2010). Essa técnica não intenciona consenso entre os participantes; ao contrário, busca fornecer um ambiente propício para o surgimento de opiniões as mais diferenciadas possíveis (MORGAN, 1998).

Os primeiros indícios da utilização do grupo focal datam de 1926, predominantemente no campo de *marketing*. Posteriormente, essa técnica foi empregada por outras áreas, especialmente pelas ciências sociais (WYATT; KRAUSKOPF; DAVIDSON, 2008). Na década de 1960, o grupo focal se legitimou como técnica científica e foi comumente utilizado nas pesquisas qualitativas. Alcançou sua popularidade a partir da década de 1970 e, desde então, tem mudado continuamente. Tais mudanças trouxeram para o grupo focal maturidade científica e *status* de pesquisa qualitativa eficiente e eficaz (GREENBAUM, 1998).

Na aplicabilidade do grupo focal com pessoas cegas, existem algumas questões fundamentais a serem consideradas por pesquisadores e estudiosos do tema. Tais questões enfocam as atitudes do pesquisador durante a condução da reunião e os elementos estruturais que se diferem de um grupo focal com a população geral. Entretanto, poucas informações estão disponíveis na literatura a esse respeito, configurando uma barreira para que futuros pesquisadores encontrem subsídios teóricos necessários para a realização do grupo focal com essa população.

Desse modo, torna-se essencial fornecer ao pesquisador brasileiro os conhecimentos básicos e necessários para implementação do grupo focal em pessoas que não enxergam. Esses conhecimentos poderiam ampliar concepções prévias e/ou originar novas concepções, tornando possível o sucesso do grupo. Nesse contexto, o pesquisador poderia utilizar as informações genuínas apresentadas no grupo focal para propor medidas eficazes, preventivas e terapêuticas em sua área de atuação, as quais pudessem favorecer sobremaneira o sujeito com cegueira.

Nesse sentido, o propósito deste estudo teórico é descrever os princípios da técnica do grupo focal, seus elementos, suas características e etapas de execução, direcionados para aplicabilidade em pessoas com cegueira.

Para essa finalidade, serão utilizadas tanto referências provindas da literatura especializada quanto de nossas experiências prévias com grupos focais com pessoas cegas, realizados no ano 2011 no Instituto Benjamin Constant. Nessas ocasiões, que caracterizaram parte integrante do estudo de doutorado da primeira autora, foi possível experimentar, avaliar e ajustar diferentes estratégias de elaboração e execução de grupo focal para pessoas que não enxergam. Em suma, em conjunto com informações da literatura, essas experiências serão fonte central de subsídios para este estudo teórico.

Cenário de pesquisas que utilizaram a abordagem do grupo focal com pessoas deficientes visuais

Limitados estudos têm realizado grupo focal com pessoas com deficiência visual (BITTNER; EDWARDS; GEORGE, 2010; COYNE et al., 2004; FRASER; MAGUVHE, 2008; GERBER, 2003; MURTHY et al., 2005; FRASER; MAGUVHE, 2008; RANA; REYNOLDS; CIRSTEIA, 2008). Dentre esses, existe uma escassez de informações específicas a respeito do planejamento e da aplicabilidade da técnica nesse grupo de pessoas.

Gerber (2003), por exemplo, realizou quatro grupos focais com sujeitos cegos para conhecer as experiências dessas pessoas a respeito de “*Assistive Technology*” (AT).⁴ Como resultado, o autor encontrou benefícios (acesso instantâneo a informação, suporte no emprego, independência financeira, autonomia na leitura, entre outros) e dificuldades (custos elevados, escassez de informações para uso, comandos insuficientes para realização das tarefas, entre outros) apontados pelos participantes. De acordo com as informações a respeito da abordagem, o autor relatou que os grupos focais foram moderados pelo autor e tiveram a duração aproximada de duas horas. As sessões foram gravadas (áudio e vídeo), transcritas e analisadas utilizando *software* de análise qualitativa. Mais informações relacionadas com a aplicabilidade da reunião (elementos, características e etapas de execução) não foram disponibilizadas.

De igual modo, Coyne et al. (2004), ao realizarem quatro grupos focais com pessoas acometidas de retinopatia diabética, ofereceram informações restritas sobre a aplicabilidade da técnica. Os autores encontraram que o impacto da patologia nas atividades de vida diária e na qualidade de vida é significativo, englobando dificuldade ou impossibilidade de dirigir; perda de independência; impacto nas atividades sociais; dificuldade de ler; dentre outras.

No mesmo sentido, Murthy et al. (2005) realizaram 46 grupos focais com pessoas com deficiência visual. Foram exploradas as percepções dessas pessoas sobre a deficiência e encontraram-se percepções sobre aspectos funcionais (dificuldade com alimentação, bebida, com o cuidado de si) e psicológicos (sentimento de ser um fardo para os outros, de vergonha, inutilidade). Os grupos focais foram separados por duas classificações: 1^a) grupo de homens e de mulheres; e 2^a) de acordo com a categoria da patologia (catarata, glaucoma, retinopatia diabética, degeneração macular e grupos com baixa visão). As sessões foram gravadas e transcritas.

Em outro estudo, Fraser e Maguvhe (2008) realizaram um grupo focal com alunos de escolas especializadas no atendimento de pessoas cegas com o objetivo de investigar os principais problemas relacionados com o ensino de biologia para essas pessoas. Encontrou-se que as dificuldades dos participantes englobam: falta de confiança e de motivação nas tarefas práticas em virtude da falta de visão; fato de que os estudantes cegos são raramente envolvidos em trabalho prático e visitas de campo; as atividades práticas são limitadas a exercícios muito simples e elementares; os alunos possuem acesso limitado a computadores, enciclopédias, fontes de referência e publicações relevantes. Os autores consideraram que muitas variáveis restringem o processo de ensino e aprendizagem de alunos cegos nas aulas de biologia. De igual modo aos estudos prévios, não foi abordada a aplicabilidade da técnica para pessoas que não enxergam.

No estudo de Rana, Reynolds e Cirstea (2008), foi realizado um grupo focal com usuários deficientes visuais para examinar o quão independente eles se sentem em atividades diárias com o uso do protótipo chamado “*Semantic Web Accessibility Network Services*” (SWANS), considerado

uma rede de serviços de acessibilidade via *web* que pode ser utilizada para possibilitar mobilidade física a usuários com deficiência visual. Foi observado que a maioria dos participantes se sente confiante em sua mobilidade utilizando o protótipo. Não foram delineadas informações específicas sobre a aplicabilidade da técnica do grupo focal.

Mais recentemente, Bittner, Edwards e George (2010) realizaram três grupos focais com pessoas com retinose pigmentar, com a finalidade de conhecer os caminhos os quais essas pessoas trilharam até a perda definitiva da visão. Dois temas principais foram identificados: 1º) a força dos pacientes para lutar pela sua independência diante da perda progressiva da visão; e 2º) altos níveis de resiliência demonstrados pelos participantes. As sessões foram realizadas por meio de conferência via *web*. Os grupos tiveram a duração aproximada de 90 minutos. As sessões foram gravadas e transcritas. A análise dos resultados agrupou o conteúdo das informações em categorias.

Nesse cenário de pesquisas que utilizaram grupos focais com pessoas deficientes visuais, duas questões chamam a atenção. A primeira demonstra a importância da técnica para gerar ideias e níveis de interesse em áreas distintas da educação, saúde e *marketing*, apresentando-se como uma abordagem qualitativa essencial em pesquisas que considerem a complexidade do ser humano. A outra questão fundamental mostra a carência de delineamentos práticos específicos sobre a aplicabilidade da abordagem na população com cegueira. Esse fato aponta para a necessidade de conhecer os princípios do grupo focal direcionados para essa população, tema abordado nos tópicos subsequentes deste estudo.

Planejamento estrutural do grupo focal

Todo grupo focal parte do estabelecimento do objetivo da pesquisa pelo pesquisador, e todo o seu planejamento é feito de forma a atender a esse objetivo. A preparação de um grupo focal para pessoas cegas não se difere, de modo geral, dessas premissas. Essa preparação pode ser didaticamente separada em duas etapas claras: seu planejamento estrutural e a seleção do moderador, dos participantes e dos observadores. Dentre os elementos estruturais, destacam-se: a) peculiaridades das sessões; b) acessibilidade; c) escolha do espaço físico; d) suporte de áudio e vídeo; e) lanche para os participantes (GATTI, 2005; GREENBAUM, 1998).

No que diz respeito às peculiaridades das sessões, é necessário definir três elementos fundamentais: 1º) número de participantes de cada sessão – o ideal é a realização de grupos com o envolvimento de quatro a 10 sujeitos; 2º) tempo das sessões e localização geográfica – o tempo para a realização dos grupos pode variar entre 90 a 100 minutos. A localização geográfica dependerá do objetivo do estudo. Se este envolver maior variabilidade regional de ideias e atitudes, então, é indicado que o grupo focal seja realizado em diferentes cidades (TRILLING, 1999); 3º) número de sessões que serão conduzidas – a literatura tem incentivado o emprego de mais de um grupo, com o objetivo de ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser intervenientes e relevantes para o tema (GATTI, 2005; GREENBAUM, 1998).

Além desses elementos, o pesquisador deve se preocupar com a acessibilidade dos participantes ao espaço físico onde a sessão será conduzida e deste ao seu lugar de origem. Inicialmente, ele deve

definir o lugar da reunião, que poderá ser um espaço familiar aos participantes, por exemplo, seu lugar de trabalho ou estudo, ou um lugar desconhecido deles, por exemplo, outro bairro ou outro estado. No primeiro caso, os participantes possivelmente chegarão sozinhos à sala de reunião e também retornarão sozinhos ao seu lugar de origem. No segundo caso, é importante que o pesquisador investigue a necessidade de providenciar um transporte particular aos participantes.

Após a escolha do lugar onde a sessão será conduzida, é importante estar atento às questões estruturais da sala de reunião. Esse espaço deve ser uma sala suficientemente larga, de maneira que o moderador e os participantes possam movimentar-se por ela facilmente. O pesquisador deve ter o cuidado de retirar do caminho quaisquer objetos que possam atrapalhar a locomoção dos participantes, como mesas, cadeiras, vasos ou quaisquer outros. A sala deve ser silenciosa, para evitar que alguns ruídos tirem a atenção dos participantes e impeçam o bom andamento da discussão; deve ter uma temperatura agradável. Salas muito quentes ou muito frias afetam a participação do grupo. O pesquisador deve descrever o ambiente para cada participante que adentrar a sala de reunião, com informações sobre as pessoas presentes e sobre as peculiaridades específicas do espaço físico.

O suporte de áudio e vídeo é outro ponto importante a ser lembrado durante o planejamento do grupo focal. Ele proverá todo o registro da sessão, o que irá possibilitar posterior análise. Comumente, tem sido indicado o uso de uma câmara fixa em um lugar estratégico quando o grupo inicia. Outra possibilidade é manipular a câmara com o auxílio de um operador, que possui a função de movimentá-la para o sujeito que está falando durante toda a sessão (GREENBAUM, 1998).

Finalmente, no planejamento do grupo focal para pessoas cegas, o pesquisador deve se preocupar em esquematizar lanche para os participantes. Esse lanche pode ser disponibilizado antes ou durante a sessão. Em qualquer um dos momentos, o pesquisador pode providenciar pratos individuais e relatar aos participantes o conteúdo do lanche servido. A bebida também deve ser servida individualmente, diretamente no copo e disponibilizada a cada participante. A finalidade do lanche é provocar um clima de descontração entre o pesquisador e os participantes. É importante lembrar-se de opções *lights* e *diets* para que todos possam participar desse momento.

Seleção do moderador, observador e participantes

Após a estruturação do grupo focal, com a definição das linhas gerais da sessão, o pesquisador deve se ocupar de escolher o moderador, o observador e os participantes, o que é essencial para o sucesso do grupo focal (GATTI, 2005; GREENBAUM, 1998).

A escolha do moderador é considerada uma fase importante do grupo focal com pessoas cegas. O moderador pode ser o próprio pesquisador ou outra pessoa treinada para essa finalidade. Ele é a pessoa responsável por iniciar a sessão e direcionar o caminho que esta irá seguir. Em grupos focais com pessoas cegas, o moderador deve adotar uma atitude fenomenológica, sabendo ouvir os participantes, como se nada soubesse. Ao mesmo tempo, o moderador deve conhecer essa população, com o intuito de evitar fazer perguntas ingênuas ou mesmo inadequadas. Sua comunicação com os participantes deve ocorrer de maneira natural, sem ingerências indevidas da

parte dele, como emissões de opiniões particulares, afirmações negativas ou positivas, conclusões ou intervenções diretas que possam provocar viés no andamento do grupo.

O principal desafio do moderador é conduzir o grupo com mínimas interrupções e máximo de atenção e envolvimento (ROTHWELL, 2010), e sua principal atribuição é fazer a discussão fluir entre os participantes, possibilitando que estes se situem, façam críticas, explicitem pontos de vista, analisem, infiram, abram novas perspectivas diante da problemática para a qual foram convidados. O moderador deve liderar a conversa de forma imparcial, preocupando-se em proporcionar intervenções que facilitem as trocas de opiniões, tendo sempre como foco o encaminhamento do tema de acordo com o objetivo da pesquisa (O'DAY; KILLEEN; IEZZONI, 2004).

Outra característica do moderador é saber se comunicar com os observadores, que são pessoas escolhidas para acompanhar a sessão e tomar notas sobre ela. Em grupos focais com pessoas cegas, a comunicação do moderador com os observadores pode ser realizada por meio de anotações feitas em papel. Essa comunicação deve acontecer em momentos oportunos e determinados previamente, com o intuito de evitar tirar o foco e a atenção do moderador, que devem estar voltados exclusivamente para o conteúdo debatido durante a sessão. Outro modo de comunicação entre moderador e observadores pode acontecer durante um intervalo realizado no meio da sessão.

Vale destacar que os observadores são pessoas neutras, fora da dinâmica do grupo, com treinamento específico, capazes de captar situações que escapem ao moderador (ROTHWELL, 2010). A sessão pode ter um ou mais observadores. A localização do(s) observador(es) durante um grupo focal com pessoas cegas pode ser ao lado do moderador. É importante que o observador mantenha-se o mais silencioso possível, evitando fazer movimentos que gerem barulho ou mesmo se comunicar verbalmente com o observador. Sua atribuição é observar atentamente o comportamento e as atitudes dos participantes em todos os momentos da reunião.

No que diz respeito ao recrutamento dos participantes, esse procedimento envolve o delineamento de características importantes para a seleção de um grupo que possibilitará o alcance dos objetivos da pesquisa. Os participantes devem ter características homogêneas, como aquelas relativas ao gênero, à idade, às condições socioeconômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, à escolaridade, entre outras. Entretanto, devem ter suficiente variação entre si para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes. O recrutamento deve procurar abranger pessoas de opiniões variadas associadas à temática central de estudo. É importante lembrar que é preconizado convidar cerca de 20% a mais de pessoas do que realmente será necessário para a condução de cada grupo focal, visando a prevenir-se contra ausências inesperadas de participantes (CUMBIE; SANKAR, 2010; GREENBAUM, 1998; MALHOTRA, 2008; TRAD, 2009).

Elementos de apoio ao desenvolvimento do grupo focal

Após os cuidados específicos no planejamento estrutural do grupo focal para pessoas cegas e na seleção do moderador, do observador e dos participantes, é necessário providenciar material de apoio ao moderador para a condução do grupo focal. O “guia do moderador” é o elemento de apoio essencial. É por ele que o moderador recebe as informações fundamentais para a condução do

grupo, que planeja sua atuação, as pausas, o uso de outros materiais de apoio. É o fio condutor do grupo focal.

O guia do moderador tem sido conceituado como uma forma de orientação escrita que acompanha o moderador durante sua prática no grupo focal. Ele deve ilustrar a discussão que será realizada durante o grupo e deve ser elaborado como uma forma de orientar e estimular a discussão. Seu uso deve ser flexível, de modo que os ajustes durante a sessão sejam feitos com abordagem de tópicos não previstos (GATTI, 2005; GREENBAUM, 1998).

O guia deve conter as seguintes sessões: a) *introdução* – momento no qual o moderador se apresenta, os participantes se apresentam, o moderador explana brevemente a proposta da sessão, avisa os participantes dos microfones ou câmeras que serão usados para a gravação do grupo, avisa da presença dos observadores e solicita o consentimento dos sujeitos para participarem da pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); b) *parte principal* – referente aos tópicos relacionados ao tema central que serão perguntados aos participantes; c) *sessão detalhada* – aborda todos os pontos importantes da pesquisa; d) *parte-chave da sessão* – em que os participantes são estimulados a dar sua opinião sobre o tema da pesquisa; e) *sumário* – este tópico dá ao participante uma oportunidade para ele compartilhar informações sobre qualquer tópico que ele possa ter esquecido.

No que diz respeito ao momento da introdução, mais especificamente à assinatura do TCLE, vale chamar a atenção para algumas peculiaridades em grupos focais com cegos. O TCLE deve ser disponibilizado aos participantes tanto impresso em tinta como em Braille. O Termo em Braille ficará de posse dos participantes e deve conter a assinatura do pesquisador em todas as páginas. O Termo em Tinta deve ser assinado pelos participantes e devolvido ao pesquisador. A assinatura dos participantes poderá ser feita com caneta, com o suporte de régua específica para assinatura, ou com impressão digital, com o suporte de material específico para essa finalidade. A assinatura deve ser feita após a leitura do Termo. O pesquisador poderá optar por ler o documento aos participantes ou reservar um tempo para que todos leiam individualmente. Ambas as situações associadas ao momento da assinatura do TCLE pelos participantes cegos consomem um tempo maior do que seria com um público vidente. Por esse motivo, o pesquisador deve se preocupar em reservar um tempo razoável (dependendo do número de participantes), no momento do planejamento do guia do moderador, para o cumprimento do TCLE.

Trilling (1999) sugere um teste-piloto para esclarecer cada questão do guia do moderador e clarear a duração média da sessão do grupo focal, considerando a relação de atividades contida no guia. Wyatt, Krauskopf e Davidson (2008) afirmam que esse guia deve ter como base informações da literatura para a elaboração do roteiro de perguntas. Um guia do moderador bem planejado poderá prover informações valiosas. Esses autores destacam, ainda, que o guia deve ser programado durante a extensiva fase de preparação do grupo focal.

Outro grupo de elementos de apoio importantes em grupos focais para pessoas cegas são os “estímulos externos”. Segundo Greenbaum (1998), o grupo focal é usualmente mais efetivo se os participantes são expostos a materiais aos quais podem reagir. Os estímulos externos geram informações dos participantes, por encorajá-los a fazer associações com outros estímulos, que

podem ser considerados como um caminho para expressar seus sentimentos relacionados com ideias conceituais específicas, produtos, serviços ou outras entidades pelas quais eles são apresentados. Essencialmente, essas técnicas evocam reações para estímulos familiares por ajudar as pessoas a compartilharem seus sentimentos a respeito de uma nova situação.

Os estímulos externos devem ser representativos para as pessoas que não enxergam. O tipo de estímulo externo deve ser planejado de acordo com o objetivo do grupo focal e as peculiaridades dos participantes. Ele deve constar do guia do moderador. Nesse sentido, o pesquisador pode utilizar, por exemplo, um protótipo tridimensional de um objeto; algumas representações gráficas; imagens bidimensionais que sejam representativas; e maquetes ou miniaturas de objetos. Os estímulos devem ser mais simples quanto possível para facilitar sua compreensão e devem ser apropriados ao objetivo da pesquisa. O pesquisador deve usar um número máximo de seis estímulos para que os participantes não se confundam entre eles.

Finalização do grupo e análise dos resultados

Após o término do grupo focal, o moderador deve acompanhar os participantes, individualmente, até a saída principal. Deve, ainda, recolher todo o material de registro da sessão, dos quais constam as anotações dos observadores e as gravações de áudio e vídeo. Essas gravações devem ser transcritas na íntegra. Com esse material, o pesquisador deve seguir seu estudo com a análise dos resultados.

A análise dos resultados é o momento de traçar inferências, novas ideias, pontos convergentes e divergentes da discussão. É um processo trabalhoso, de busca de caminhos em meio a tantas informações registradas. É importante lembrar que o grupo focal não tem por finalidade providenciar resultados generalizáveis, visto que o tamanho da amostra do grupo é bastante pequeno (LONG, 1995). Ademais, a análise deve abordar o contexto geral do grupo, e não se prender a comentários individuais entre poucos.

Alguns autores classificam o grupo focal dentro de um paradigma descritivo qualitativo (BARBOUR, 2005; GREENBAUM, 1998; ROTHWELL, 2010). Congruente com a pesquisa qualitativa, a análise de conteúdo tem sido comumente utilizada para analisar os dados do grupo focal. Ela possibilita formar categorias com base em leituras exaustivas do material recolhido, rastrear tendências e fazer inferências, extraindo significados das falas ou de outras expressões registradas durante a sessão (CARIGNAN et al., 2008; COLLIER; SCOTT, 2010; COYNE et al., 2004; DETMAR et al., 2006; LERVOLINO; PELICIONI, 2001; MORGAN, 1997; TRAD, 2009).

A análise de conteúdo tem sido utilizada, no grupo focal, para reduzir o volume da transcrição da discussão. Os temas são analisados visando ao entendimento do rico contexto da discussão (CUMBIE; SANKAR, 2010). O referido entendimento pode ser a matriz principal para a formulação de teorias sobre o assunto em questão (GORODZEISKY, 2010). Essas teorias poderão sustentar hipóteses formuladas no início do estudo ou até mesmo trazer novas informações sobre determinado aspecto.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi descrever os princípios da técnica do grupo focal, seus elementos, suas características e etapas de execução, direcionados para aplicabilidade em grupos de pessoas com cegueira. Observamos que esses princípios não se diferem, de modo geral, daqueles referentes à aplicabilidade do grupo focal na população geral. Entretanto, algumas distinções importantes, no planejamento de grupos focais para cegos, devem ser conhecidas por pesquisadores e estudiosos do tema.

A distinção mais importante e que deve ser colocada em destaque diz respeito à atitude do moderador. Como já descrevemos, o moderador deve adotar uma abordagem fenomenológica durante sua moderação no grupo focal. Ele deve se preocupar, primeiramente, em reconhecer e estabelecer contato com o sujeito cego como um ser humano, sendo a cegueira apenas uma característica dessa população. O moderador deve se colocar totalmente aberto ao novo, livre de vieses pessoais e de teorias e preconceitos já formulados. Em adição, deve saber ouvir os participantes como se não conhecesse nada do assunto. Ao mesmo tempo, deve conhecer a população cega e ser sensível às principais dificuldades desse grupo, evitando perguntas inadequadas e/ou ingênuas, que poderiam ofender essa população. Sua atitude fenomenológica poderá transmitir confiança aos participantes, favorecendo que estes se interessem pelas questões discutidas e revelem o que realmente sentem e acreditam. Assim, será possível ao pesquisador a obtenção de informações verdadeiras sobre as questões de seu interesse.

Alguns elementos estruturais são também distintos em grupos focais com pessoas cegas. Elencamos os dez mais importantes: 1º) o pesquisador deve se preocupar com a acessibilidade dos participantes ao espaço físico onde a sessão será conduzida e deste ao seu lugar de origem; 2º) o pesquisador deve ter o cuidado de retirar objetos que estejam no caminho dos participantes até a sala da reunião; 3º) ao adentrar a sala da reunião, o pesquisador deve descrever o ambiente às pessoas que fazem parte daquele contexto; 4º) é indicado que o lanche seja servido individualmente, antes ou durante a reunião; 5º) o observador pode se localizar na sala de reunião, ao lado do moderador; 6º) o observador deve evitar movimentos bruscos e barulhentos; 7º) o moderador pode se comunicar com o observador por meio de mensagens escritas em momentos propícios durante a sessão; 8º) o TCLE deve ser disponibilizado em tinta e em Braille, e ele exige um tempo significativo para leitura e assinatura; 9º) Os estímulos externos devem ser representativos para as pessoas cegas, podendo ser em forma de protótipo tridimensional de um objeto, algumas representações gráficas, imagens bidimensionais, maquetes ou miniaturas de objetos; 10º) Ao término do grupo focal, o pesquisador deve acompanhar cada participante até a saída principal.

Neste estudo, recomendamos o uso da técnica do grupo focal com a população cega. Acreditamos que essa abordagem, se bem planejada e conduzida, pode prover informações importantes, as quais podem ser convertidas em benefícios a essa população provindos de propostas e estratégias baseadas em informações genuínas desse grupo de pessoas.

*Fonte de financiamento: Fapesp. Gostaríamos de agradecer ao apoio integral dos professores e funcionários do Instituto Benjamin Constant em nossas pesquisas prévias de grupo focal com cegos, realizadas nessa instituição. Disponibilizamos um agradecimento especial aos participantes dos grupos focais realizados, que, com muito humor e disposição, sempre nos enriquecem em nossas experiências como pesquisadores e, sobretudo, como seres humanos. Agradecemos ao suporte financeiro da Fapesp disponibilizado à primeira autora.

1 É doutoranda em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2009); é especialista em Aspectos Metodológicos da Pesquisa Científica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2007); tem Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2004); tem se interessado em estudar a imagem corporal de pessoas com cegueira congênita e investigar métodos e técnicas de avaliação da imagem corporal desse grupo de pessoas. E-mail: fabi.frm@hotmail.com

2 É doutoranda em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas; tem bacharelado em Treinamento em Esportes pela Universidade Estadual de Campinas (2001); especialização em Atividades Motoras para a Promoção da Saúde e Qualidade de Vida pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004); tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em esportes aquáticos, voltados tanto para o treinamento esportivo quanto para a iniciação esportiva e aplicação com finalidades terapêuticas para grupos especiais. E-mail: angelanneves@yahoo.com.br

3 É graduada em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980), graduação em Fisioterapia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (1977), mestrado em Medicina Interna pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutorado em Medicina Interna pela Universidade Estadual de Campinas (1992); obteve o título de livre-docente (2003) e atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Campinas; tem experiência na área de reabilitação e imagem corporal. E-mail: mcons@fef.unicamp.br

REFERÊNCIAS

BARBOUR, R. S. Making sense of focus groups. **Medical Education**, n. 39, p. 742-750, 2005.

BITTNER, A. K.; EDWARDS, L.; GEORGE, M. Coping strategies to manage stress related to vision loss and fluctuations in retinitis pigmentosa. **Optometry**, v. 81, p. 461-468, 2010.

CARIGNAN, M. et al. Content validity of a home-based person-environment interaction assessment tool for visually impaired adults. **Journal of Rehabilitation Research & Development**, v. 45, n. 7, p. 1.037-1.052, 2008.

COLLIER, M. J.; SCOTT, M. Focus group discourses in a mined landscape. **Land Use Policy**, v. 27, p. 304-312, 2010.

COYNE et al. The impact of diabetic retinopathy: perspectives from patient focus groups. **Family Practice**, v. 21, n. 4, p. 447-453, 2004.

CUMBIE, B. A.; SANKAR C. A. The need for effective network interconnectivity among multiple partners in a disaster-embattled region: a content analysis of an exploratory focus group. **Study Journal of Contingencies and Crisis Management**, v. 18, n. 3, p. 155-164, set. 2010.

DETMAR, S. B. et al. The use of focus groups in the development of the KIDSCREEN HRQL questionnaire. **Quality of Life Research**, v. 15, p. 1.345-1.353, maio 2006.

FRASER W. J.; MAGUVHE M. O. Teaching life sciences to blind and visually impaired learners. **Journal of Biological Education**, v. 42, n. 2, 2008.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

- GERBER, E. The benefits of and barriers to computer use for individuals who are visually impaired. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, p. 536-550, 2003.
- GORODZEISKY, A. Focus groups as a tool in the construction of questionnaires: the case of discriminatory attitudes. **Quantity and Quality** [online], 7 jan. 2010.
- GREENBAUM, T. L. **The handbook for focus group research**. 2. ed. Estados Unidos: Sage Publications, 1998.
- LERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP** [online], v. 35, n. 2, p. 115-121, 2001.
- LONG, R. G. Housing design and persons with visual impairment: report of focus-group discussions. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v. 89, n. 1, jan./fev. 1995.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.
- MORGAN, D. L. Focus groups. **Annu. Rev. Sociol.**, n. 22, p. 129-152, 1996.
- _____. **Focus groups as qualitative research**. Londres: Sage Publications, 1997.
- _____. **The focus group guidebook**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.
- _____; SPANISH, M. T. Focus groups: a new tool for qualitative research, **Qualitative Sociology**, v. 7, n. 3, p. 253-70, 1984.
- MURTHY et al. The development of the Indian vision function questionnaire: questionnaire content. **Br. J. Ophthalmol.**, v. 89, p. 498-503, 2005.
- O'DAY B. L.; KILLEEN M.; IEZZONI L. I. Improving health care experiences of persons who are blind or have low vision: suggestions from focus groups. **American Journal of Medical Quality**, v. 19, n. 193, 2004.
- PACKER-MUTI, B. Conducting a focus group. **The Qualitative Report**, v. 15, n. 4, p. 1.023-1.026, jul. 2010.
- RANA, M. M.; REYNOLDS, T.; CIRSTEVA, M. Developing a prototype using mobile devices to assist visually impaired users. In: THE IEEE INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON INDUSTRIAL ELECTRONICS – ISIE08. Cambridge, 30 jun./2 jul. 2008.
- ROTHWELL, E. Analyzing focus group data: content and interaction. **Scientific Inquiry-JSPN**, v. 15, n. 2, p. 176-180, abr. 2010.
- STRAKA et al. The focus group as a demonstration technique. **Journal of Extension**, v. 47, n. 6, dez. 2009.
- TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **International Journal for Quality in Health Care**, v. 19, n. 6, p. 349-357, set. 2007.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

TRILLING, J. F. Selections from current literature: focus group technique in chronic illness. **Family Practice**, v. 16, n. 5, p. 539-541, 1999.

WILKINSON, S. Focus groups in health research: exploring the meanings of health and illness. **Journal of Health Psychology**, v. 3, n. 3, p. 329-348, 1998.

WOLFFE, K. E.; CANDELA, T.; JOHNSON, G. Wired to work: a qualitative analysis of assistive technology training for people with visual impairments. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v. 97, n. 11, nov. 2003.

WYATT, T. H.; KRAUSKOPF, P. B.; DAVIDSON R. Using focus groups for program planning and evaluation. **Journal of School Nursing**, v. 24, n. 71, 2008.

Recebido em: 2/7/2011.

Reformulado em: 21/5/2012.

Aprovado em: 23/5/2012.